

FOLHA DE S.PAULO



OPINIÃO

CARLOS NOBRE

Governos democráticos divulgam tanto as boas como as más notícias

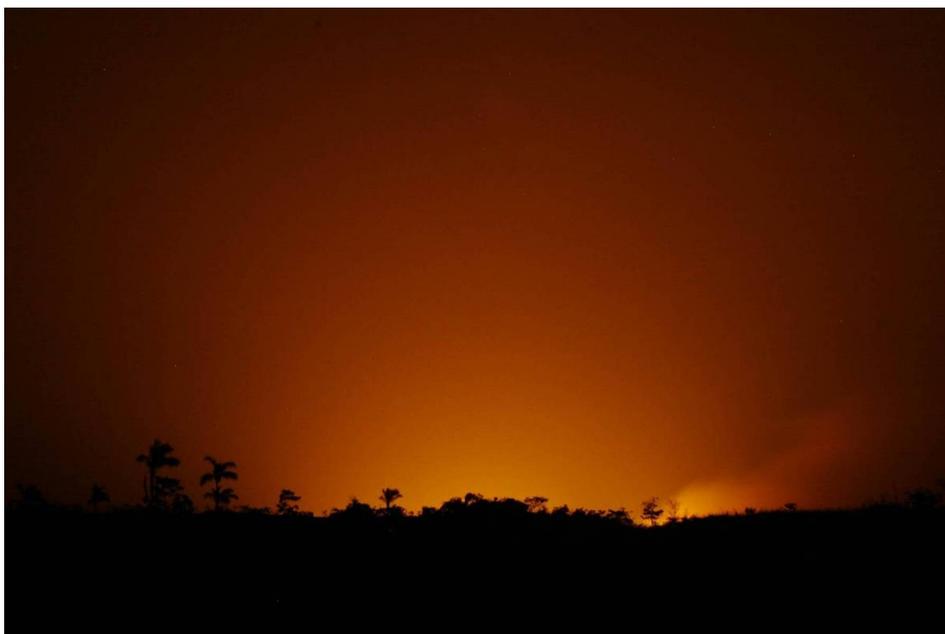
Marcos Pontes certamente viu com os próprios olhos, do espaço, a extensão dos desmatamentos da Amazônia

23.jul.2019 às 14h40

Carlos Nobre

Entre 1987 e 1989, a detecção de focos de calor na Amazônia a partir de satélites meteorológicos, fatores indicativos de desmatamentos e queimadas, atingiu valores muito altos. O assunto tornou-se preocupação mundial retratado na capa da revista Time de 19 de setembro de 1989 com o título “Amazônia em Chamas”.

Questionado pela imprensa internacional no início de 1989, o então presidente Sarney declarou que o total de desmatamento na Amazônia brasileira era inferior a 5% (<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/bolsonaro-repete-tatica-de-dilma-e-sarney-ao-tentar-controlar-dados-de-desmatamento.shtml>) e ordenou ao Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) que desenvolvesse um sistema de mapeamento das áreas desmatadas.



Incêndio na Amazônia - Caio Guatelli - 25.set.2005/Folhapress

Nascia, assim, o sistema Prodes a partir de imagens do satélite Landsat, que fornecia à época dados de mais alta resolução espacial. Os primeiros dados mostraram que até meados de 1988 o total de desmatamento da Amazônia brasileira (<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/ricardo-salles-afirma-que-amazonia-ja-tem-desmatamento-relativo-zero.shtml>) havia atingido cerca de 8% da área de floresta.

Esse sistema vem sendo continuamente aperfeiçoado pelo Inpe e registra uma margem de erro de somente 5% a 6%. Sistemas completamente automáticos a partir de algoritmos de inteligência artificial apresentam margens de erro acima de 20%, o que demonstra a qualidade das análises do Inpe, inclusive para estimativas das emissões de gases de efeito estufa por desmatamentos (<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2016/09/1810765-66-das-emissoes-brasileiras-de-co2-vem-de-atividade-agropecuaria.shtml>).

Até meados de 2018, o Prodes registrou cerca de 800 mil km² desmatados na Amazônia brasileira, ou 20% da área de floresta.

Do surgimento do Prodes em meados de 1989 até 2001, somente se divulgava o total anual da área desmatada na Amazônia quando o governo julgasse conveniente, e não era tornado público o padrão espacial das alterações dos usos da terra.

Isso veio ao domínio público a partir de 2002, por uma sábia decisão do então ministro de Ciência e Tecnologia, o embaixador Sardenberg. A disponibilização dos padrões espaciais permitiu um enorme avanço científico sobre a dinâmica e causas do desmatamento

(<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2017/11/1935043-desmatamento-agrega-ao-pib- apenas-0013-por-ano-diz-estudo.shtml>), orientando políticas públicas para coibir o desmatamento ilegal (<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/12/desmatamento-em-unidades-de-conservacao-na-amazonia-tem-aumentado.shtml>), que responde historicamente por 70 a 80% da área total desmatada da Amazônia.

Entretanto, o sistema Prodes produzia um único conjunto de dados por ano, normalmente divulgado em outubro ou novembro, cobrindo o período de agosto do ano anterior até julho do ano corrente. O enorme acréscimo na taxa de desmatamento anual em 2004, chegando perto de 30 mil km², mostrou que se fazia necessário algo que captasse os desmatamentos

(<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/07/se-desmatamento-aumentar-acordo-com-ue-fica-dificil-diz-embaixador-alemao.shtml>) com muito maior frequência temporal.

A pedido do Ministério do Meio Ambiente

(<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/salles-faz-visita-a-madeireiros-em-rondonia-apos-atos-contra-ibama.shtml>), o Inpe desenvolveu o sistema Deter, utilizando informações de satélites que permitiam um monitoramento quase diário, ainda que com menor resolução espacial. O principal usuário das informações deste sistema tem sido o Ibama. Essa ferramenta que detecta muitas vezes o início de um processo de desmatamento —na maioria das vezes ilegal— foi fundamental para a implementação de políticas públicas e ações de contenção do desmatamento, um dos fatores principais para a grande queda da perda de floresta entre 2004 e 2012. A margem de erro do sistema Deter é de cerca de 10%.

Diferentemente de regimes autoritários, governos democráticos se caracterizam por divulgar tanto as boas como as más notícias. Sim, todos indícios são que o desmatamento (<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/11/desmatamento-na-amazonia-explode-durante-periodo-eleitoral.shtml>) dos últimos 12 meses na Amazônia vem aumentando significativamente (<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/desmatamento-da-amazonia-em-junho-e-57-maior-do-que-no-mesmo-mes-de-2018.shtml>) e tal informação deve balizar

ações contundentes contra os desmatamentos ilegais

(<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/11/desmatamento-na-amazonia-cresce-14-e-e-o-maior-desde-2008.shtml>)

por parte dos governos.

Tenho confiança que o Ministro de Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes

(<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/marcos-pontes-tambem-questiona-dados-do-inpe-e-chama-diretor-para-conversa.shtml>), ao qual o Inpe é subordinado, encaminhará soluções sensatas e

baseadas em ciência, inclusive apoiando o Inpe

(<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/eu-nao-vou-falar-com-ele-diz-bolsonaro-sobre-diretor-do-inpe.shtml>)

no contínuo aperfeiçoamento dos sistemas de monitoramento a partir do espaço e na disponibilização pública destas informações.

Afinal, ele é o único astronauta brasileiro e teve a oportunidade histórica de observar o esférico planeta Terra do espaço por dez dias na Estação Espacial Internacional, em março de 2006, e certamente viu com os próprios olhos a extensão dos desmatamentos da Amazônia e também a beleza espetacular da floresta e sua fundamental importância para a estabilidade ambiental do planeta Terra.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/governos-democraticos-divulgam-tanto-as-boas-como-as-mas-noticias.shtml>